A LEITURA LITERÁRIA DE FOLHETOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Fernanda Chaves Bezerra de Moura[1]

Neste artigo, discutimos a necessidade de se pensar a leitura literária na escola, a importância do ensino da literatura popular no Ensino Fundamental e apresentamos parte de nossa experiência de pesquisa desenvolvida durante o Mestrado em Linguagem e Ensino – UFCG – PB, que consistiu em estudar a recepção e o efeito estético causado pela leitura oral de sextilhas e folhetos em uma turma do 2° ano do 2° ciclo do Ensino Fundamental I, do município de Campina Grande. Pudemos observar, durante a realização da experiência, a boa recepção dos poemas, com a preferência declarada pela maioria da turma em relação à leitura de uma antologia de sextilhas sobre bichos organizada por nós e lida e ilustrada pelos alunos.

Palavras-chave: leitura literária, ensino de literatura, literatura de cordel.

CORDEL BOOKLETS READING IN THE ELEMENTARY SCHOOL

In this article, we discussed the need of thinking the literary reading in school, the importance of the popular literature teaching in elementary school and we present part of our research experience developed during the Master Couse in Language and Education – UFCG – PB, which consisted of studying the reception and aesthetic effects caused by oral reading of stanzas and *cordel* booklets in a class of elementary school in the city of

Keywords: literary reading, teaching of literature, *cordel* literature.

A leitura literária e o ensino da literatura popular na escola

As discussões no campo teórico da leitura literária baseadas nas teorias da recepção estética passaram, mais recentemente, a observar o leitor, analisando seu "papel cooperativo" no processo de interação com o texto (COLOMER, 2007, p. 26). Essa renovação no modo de ver a leitura vem sendo incorporada também por documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL – PCN de 1ª a 4ª séries, 1997). Nesse documento, fala-se, entre outras questões, sobre a importância da interação do leitor aprendiz com diferentes textos. O documento também enumera algumas condições necessárias para a prática da leitura (a disposição de uma biblioteca, o

1 - Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande e professora da rede municipal em Santa Cruz do Capibaribe – PE.

planejamento de atividades de leitura, entre outros) as quais não se limitam à disponibilidade de recursos materiais, mas se atêm ao uso dos livros e materiais impressos, sendo este o fator preponderante no desenvolvimento do gosto pela leitura. Os PCN (BRASIL, 1997, p. 44--45) trazem ainda orientações metodológicas para o desenvolvimento de um trabalho diário com a leitura literária.

Outro documento oficial, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, Brasil, 2006), elaborado pelo Ministério da Educação – MEC,[2] defende o ensino da Literatura com base em vários argumentos: enquanto discurso literário, ela garante o exercício da liberdade, conforme afirma Osakabe (2004 apud BRASIL, 2006, p. 49); enquanto arte, ela educa para a sensibilidade e possibilita a transcendência do simplesmente dado "mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite" (p. 53). Entretanto, o papel que nos parece fundamental é o que permite a "humanização do homem coisificado" (OCEM, Brasil, 2006, p. 53) como defende Antonio Candido.

Em contraposição ao ensino de literatura fundamentado em leituras de antologias e manuais literários, mais recente têm surgido propostas como o "letramento literário" que busca desenvolver a competência literária dos alunos. Um dos defensores do letramento literário, Rildo Cosson (2006) ressalta a importância da leitura efetiva dos textos:

> é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos.(...) Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. (p. 23)

Teresa Colomer, em *Andar entre livros* (2007), discute a leitura literária na escola de forma mais ampla que Cosson. A autora traça um percurso histórico de como evoluiu o ensino de literatura, passando por uma análise de como se dá a construção do leitor até a realização de propostas de como organizar atividades de leitura, inclusive levando-se em conta as demais áreas do currículo. Colomer (2007) parte da convicção de que "'andar entre livros' é a condição essencial da educação literária das novas gerações" (p. 197). A autora ainda defende que "incentivar a leitura e ensinar a ler são os dois eixos sobre os quais discorre a inovação no ensino da literatura" (p. 198).

No sexto capítulo de seu livro, Teresa Colomer (2007), aborda um aspecto da leitura que interessa bastante à nossa pesquisa: trata-se de "ler com os

2 Embora o documento tenha sido elaborado para o nível médio, as reflexões ali contidas têm um alcance pedagógico-metodológico que extrapolam o nível de ensino em questão, o que favorece retomá-lo em nossa pesquisa, mesmo esta sendo voltada para o ensino fundamental.

outros". Como os encontros promovidos por nós com a turma foram pautados na leitura oral, suas reflexões nos ajudam a analisar a experiência realizada, bem como a repensar nossa prática futura. A autora inicia o capítulo afirmando que a prática de compartilhar contos na infância "duplica a possibilidade de tornar-se um leitor". A socialização de nossas experiências de leitura é associada pela autora à "permanência de hábitos de leitura" (p. 143).

Uma das justificativas de Colomer (2007) para a importância de se "compartilhar as obras com outras pessoas" é a possibilidade de o leitor "beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e o prazer de entender mais e melhor os livros" (p. 143). A outra justificativa apresentada diz respeito ao fato de o leitor poder sentir-se em uma "comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas" (p. 143).

No que se refere ao trabalho com a literatura popular, o livro *Cordel na sala de aula,* de Pinheiro e Lúcio (2001), apresenta brevemente o surgimento da literatura de cordel, passando por questões estruturais, pelas temáticas recorrentes, finalizando com sugestões metodológicas de ensino.

Além desses estudos, Pinheiro (2008a) destaca o que chama de "atitudes e procedimentos" tendo em vista o ensino da literatura popular. O autor ainda critica o fato de a escola, em geral, não observar a existência de contadores tradicionais na própria comunidade, mantendo-se, dessa forma, desatenta ao fazer do povo. Quando muito, a escola se contenta com antologias organizadas por especialistas ou quando a mídia transforma determinada manifestação popular em moda.

A partir desse problema, o autor lança ao professor alguns questionamentos em relação à concepção de cultura adotada, ao valor conferido às manifestações culturais, ao tempo dedicado à leitura sobre o assunto, que tipo de ações podem ser empreendidas na tentativa de mudar as concepções/ preconceitos em relação à cultura popular (PINHEIRO, 2008a, p. 17).

Diante deste "quadro de ausências e de desconhecimento das diferentes manifestações da cultura popular na escola", Pinheiro (2008a, p. 17) ressalta a importância de o professor ir, aos poucos, descobrindo a diversidade de manifestações e expressões provenientes do povo. Ou seja, o autor ressalta a importância de o professor vivenciar a cultura popular e torná-la mais presente na vida dos alunos.

Ao tratar do contexto de formação do professor para o trabalho com a literatura de cordel, Pinheiro (2008a) traça considerações importantes sobre aspectos que o professor deve levar em conta antes de iniciar seu trabalho de leitura, como, por exemplo, a não-idealização da cultura popular e a necessidade de se estimular a leitura oral nas segunda e terceira fases do ensino fundamental.

Outros trabalhos discutem o ensino da literatura na escola, como Pinheiro (2007), que versa sobre metodologia do ensino de poesia para alunos do Ensino Fundamental, inclusive oferecendo várias sugestões de trabalho com a poesia em sala de aula.

Os recursos acima citados ganham importância se pensarmos na metodologia utilizada em nossa experiência de pesquisa: a riqueza de sons, característica da leitura oral dos cordéis, costuma despertar interesse nas crianças. Com esse apanhado sobre o que se vem discutindo sobre o ensino de literatura, pretendemos mostrar que poderíamos, nós educadores, colocar mais em prática as inúmeras contribuições teóricas disponíveis. De fato, muita teoria vem sendo produzida, mas ainda pouca produção científica que mostre resultados da aplicação dessas teorias em sala de aula.

Para promover o encontro entre os alunos e a literatura popular, utilizamos em nosso experimento atividades que tornam o momento da leitura mais prazeroso. Tratam-se de brincadeiras que se assemelham a pequenas encenações realizadas a partir da leitura oral e da apreciação das sextilhas e dos folhetos. Optamos por esse tipo de atividade pelo fato de exercitar a capacidade criadora da criança e de ser facilmente realizável em sala de aula, tornando-se uma atividade bastante enriquecedora para a formação do leitor mirim.

Antes da brincadeira... a metodologia e os procedimentos adotados

Previamente à apresentação da experiência, achamos necessário esclarecer algumas questões metodológicas referentes ao nosso trabalho. Os caminhos da pesquisa foram trilhados a partir de alguns princípios da pesquisa-ação, uma vez que procuramos realizar uma intervenção com vistas a modificar uma dada situação de sala de aula, de forma participativa e colaborativa, aplicando uma metodologia diferenciada de trabalho com a literatura popular. A importância desta intervenção surgiu da troca de experiências realizada, na qual buscamos fomentar o trabalho da professora e a experiência de leitura literária dos alunos. A observância ao princípio do diálogo constitui-se elemento fundamental entre as partes numa pesquisa desse caráter.

A turma é composta por vinte e três alunos (dez meninas e treze meninos) de uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Padre Antonino, localizada no bairro de Bodocongó. O critério de seleção dos alunos para a pesquisa baseou-se numa faixa etária compreendida entre 9 e 11 anos, idade em que acreditamos que haja um interesse maior pelas narrativas que envolvam bichos em situações bem-humoradas e lúdicas, a julgar pela presença de narrativas dessa natureza em livros didáticos.

Baseados nas contribuições de René Barbier (2004) em relação a possibilitar que "os atores (...) possam planejar, organizar e realizar eles mesmos suas mudanças de um modo consciente" (p. 77), ressaltamos a importância do acompanhamento participante por parte da professora durante toda a experiência. No momento anterior à experiência, foi apresentado um plano de trabalho para ser realizado com a participação da professora durante os encontros com as turmas e avaliado ao final dos mesmos. Dessa forma, ao término da experiência, a docente pode sentir-se segura para, de posse da metodologia aplicada e dos resultados colhidos

(materializados num relatório das atividades entregues a ela), repensar sua prática e adaptar e/ou recriar as atividades de acordo com suas necessidades e as da turma. A ação coletiva juntamente com a professora e a motivação desta em relação à pertinência e funcionalidade da metodologia constituem-se verdadeira possibilidade de continuidade do trabalho ao término da experiência. Garantindo o envolvimento da professora no prosseguimento das atividades, temos meio caminho para que a formação do gosto literário dos alunos possa ser sempre trabalhada de maneira atrativa e lúdica.

Um pouco da vida dos bichos em versos: a experiência

A primeira parte de nossa experiência foi realizada em quatro encontros de aproximadamente quarenta minutos cada e teve como objetivo observar a recepção e o efeito causado pela leitura de uma antologia sextilhas e setilhas populares que tivessem animais como personagens e os apresentassem de forma lúdica e bem humorada.

Para a realização dos primeiros quatro encontros de nossa experiência, confeccionamos um folhetinho: *A vida dos bichos em versos*, com quatro setilhas recolhidas do folheto *O namoro do minhoco e a minhoca*, de José Costa Leite e vinte sextilhas, do livro *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*, organizado por Hélder Pinheiro[3].

Iniciamos o primeiro encontro, que teve duração de trinta e seis minutos, com a apresentação da experiência de leitura de sextilhas, na qual propusemos para a turma "brincar de ler". Os alunos, por sua vez, logo reagiram dizendo:

> **Aluno 1**[4]: Ah! Isso não é brincadeira, não!
> **Aluno 2:** Não é brincadeira, não!
> **Alunos:** [risos]

Então provocamos, questionando: "Será que não pode ser uma brincadeira?"

> **Alunos:** É não!
> **Aluna 3:** Isso é aula!
> **Pesquisadora:** "Será que é só aula?"
> **Aluna 3:** Como é que a gente vai brincar de ler?
> **Aluno 4:** Lendo!!

3 - Conferir referências bibliográficas.

4 - É importante destacar que a numeração dos alunos nas transcrições não os identifica individualmente, servindo apenas para ordenar as falas em cada bloco de diálogo. Assim sendo, o "Aluno 1" do primeiro bloco de transcrição não é necessariamente o "Aluno 1" de outros blocos, e assim por diante. Vale salientar que as gravações das aulas nem sempre permitiam a identificação exata dos autores das vozes.

Observamos nessas respostas dos alunos o quanto as atividades de leitura em sala de aula estão relacionadas a uma noção de trabalho, de atividade não prazerosa. Ou seja, uma noção de que durante a aula não se pode ter prazer. Segundo Jauss (1979), desde a antiguidade, prazer e trabalho formam uma "velha oposição". E, somente a medida em que "o prazer estético se libera da obrigação prática do trabalho e das necessidades naturais do cotidiano, funda uma função social que sempre caracterizou a experiência estética" (JAUSS, 1979, p. 95). Assim, entendemos que, a partir da realização de nossa experiência, os alunos puderam passar a ver que uma atividade de leitura pode, sim, tornar-se um momento lúdico e criativo em sala de aula.

Mudamos, então, o rumo do encontro questionando a turma sobre sua experiência de leitura. Perguntamos, primeiro, o que eles gostavam de ler. Eis algumas respostas: poesia, gibi, clássico, tirinha, contos de fadas, fábulas. Percebemos que, de fato, a turma possui o hábito de ler poemas em sala de aula. As paredes da sala mostradas pela aluna continham cartazes com poemas copiados pela professora e pela turma, acompanhados de ilustrações. Essa produção era parte do Projeto "Poetas da escola", organizado pelo MEC e no qual a professora estava inscrita para concorrer com os alunos na olimpíada de Língua Portuguesa[5]. Os alunos lembraram os nomes de alguns poemas que haviam sido trabalhados com eles, entre eles, "O bicho", de Manuel Bandeira, que encontrava-se copiado em uma cartolina e afixado na parede junto à porta.

Como o objetivo de nossa experiência é a leitura de poemas populares que tenham animais como personagens, perguntamos quais alunos gostavam de bichos. O resultado foi uma enxurrada de "eus". Cada aluno queria falar sobre o seu bicho de estimação. A maioria dos meninos afirmou preferir o cachorro, enquanto as meninas deram respostas variadas: *hamster*, gato, cachorro, cavalo, papagaio, passarinho, tartaruga. A partir da participação dos meninos, pudemos constatar quais bichos faziam parte do horizonte de expectativas da turma.

Após esse momento de contextualização, iniciamos o trabalho de leitura da antologia. As vinte sextilhas retiradas do livro *Pássaros e bichos na voz de poetas populares* e organizadas na antologia em questão apresentam versos em redondilha maior e estrutura de rimas ABCBDB, bem comum nesse tipo de estrofe. As quatro setilhas do folheto *O namoro do minhoco e a minhoca* são constituídas também de versos com sete sílabas métricas, mas com estrutura de rimas ABCBDDB.

As estrofes têm como característica a apresentação dos mais diversos bichos em quadros que revelam o fazer cotidiano de cada um. Os pássaros, presentes na maioria das sextilhas selecionadas, são flagrados construindo seus ninhos, cantando, protegendo os filhotes, etc.; a onça é registrada no momento da caçada; o tamanduá aparece de padre; e o namoro das minhocas, retratado nas setilhas, mostra o relacionamento numa perspectiva fabular.

5 - O objetivo dessa olimpíada era levar os alunos a produzir poemas.

A sextilha que abre a antologia, também foi a primeira lida para a turma, apresenta o João-de-barro através da comparação de sua característica mais marcante: construir seu ninho com barro e não com folhas e galhos como muitos outros pássaros, com o ofício de um mestre de obras que, do barro, ou do cimento, pode erguer uma moradia:

Admiro o João de Barro
Por ser muito inteligente
É um bom mestre de obra
Seu trabalho é competente
Começa a casa e termina
Sem precisar de servente.
Sebastião Chicute

Atribuímos o apelo dessa sextilha sobre os alunos à imagem mental que eles possivelmente tenham formado do pássaro. A característica que chama a atenção é o empenho e a dedicação do animal, representados nos versos. O fato de o joão-de-barro começar e terminar sozinho sua casa, sem ajuda de um servente, parece colocá-lo em posição admirativa em comparação a um pedreiro, que necessita de ajuda.

Num dos momentos em que conversávamos com os alunos sobre as impressões suscitadas pela leitura dessa sextilha, perguntamos primeiramente se eles haviam gostado do joão-de-barro. A resposta afirmativa foi unânime. Em seguida, quem conhecia um joão-de-barro e a maioria respondeu que era um pássaro. Depois, indagamos sobre o que ele fazia. Eis algumas respostas que obtivemos:

Aluno 2: ele faz uma casinha assim de barro!
Aluna 3: ela é redondinha a casinha dele!
Alunos: [comentam alguma coisa sobre como o pássaro carrega o barro]
Aluno 2: ele carrega o barro de pouquinho em pouquinho...
Alunos: (discutem se o pássaro carrega o barro no bico ou nas patas)

Esses comentários parecem ter incentivado o restante da turma, pois logo todos estavam conversando sobre como é um joão-de-barro e onde mora. Então, um dos alunos exclamou:

Aluno 1: eu já vi a casa dele!

A análise desses comentários nos remete ao conceito de leitura como um processo afetivo que leva o leitor, através das emoções, a um "princípio de identificação" com o texto (JOUVE, 2002, p. 19). De fato, podemos afirmar que

houve identificação dos alunos com o pássaro já que este parece fazer parte de suas experiências cognitivas. A utilização do adjetivo e do substantivo na forma diminutiva ("redondinha" e "casinha") confirma o envolvimento afetivo da criança com o joão-de-barro e com os pássaros em geral.

Outra sextilha das mais lidas e até cantadas foi a que fala de uma sericora que canta bonito, mas gosta de esconder-se. Essas duas características são utilizadas para definir a ave:

Sericora é animada
Se esconde pra ninguém ver
Canta bem alto e bonito
Gosta de se esconder
Quando ela canta alguém diz:
Está perto de chover.
Sebastião Chicute

Apesar de a ave apresentar uma atitude um tanto contraditória, pois mesmo sendo animada, gosta de esconder-se, ela parece ter essa característica atenuada pelo fato de possuir um canto alto e bonito, que anuncia a chuva. Daí a beleza de sua "função" na natureza, que encanta o sertanejo e, por extensão, o poeta. Ao anunciar de forma eloquente e bela a chagada da chuva, a sericora parece ser representativa da beleza e da importância que a chuva tem para o homem sertanejo.

Durante as aulas, lemos várias vezes essa sextilha com a turma. Em determinada aula, propuzemos que ela fosse cantada e não apenas lida. Começamos, então, a cantar a estrofe, acompanhada por alguns alunos, enquanto outros observavam sorrindo. Os alunos, pouco a pouco, começaram a repetir a estrofe, cantando. Um deles acompanhou a leitura oral emitindo seguinte som "brim, brim, brim". Percebemos que a turma logo se mostrou empolgada com a nova experiência de cantar as sextilhas.

A galinha também foi bem recebida pela turma durante a experiência. Nas sextilhas, a ave é flagrada em vários momentos do seu fazer cotidiano. Seja no cuidado que tem com os filhotes, ou no relacionamento com outros animais que habitam o terreiro, a galinha é desenhada pelos poetas como um bichinho comovente e digno de admiração.

Uma galinha pequena
Faz coisa que eu me comovo:
Fica na ponta das asas
Para beliscar o ovo,
Quando vê que vem sem força
O bico do pinto novo.
Manoel Xudu

Eu admiro a galinha
Com um bico tão miúdo,
Junto à ninhada de pinto,
Um pelado, outro peludo,
Pegar uma borboleta
E dividi-la com tudo.
Manoel Filó

A aproximar-se a noite
Quando o dia vai embora,
Lá no fundo do quintal
A galinha se acocora
Fazendo casa das asas
Pra pinto não dormir fora.
Manoel Menezes

Nas três sextilhas, o que convida o olhar sensível do poeta é o zelo e a dedicação digna de uma mãe carinhosa para com os filhos. Numa leitura dessa estrofe, Pinheiro (2008b) afirma que

> Fazendo casa das asas" é uma imagem que nos embala com sua sonoridade e nos convida a perscrutar seus sentidos. A representação do animal cujo corpo se transforma no espaço de aconchego e proteção é notada em sua singularidade e expresso através de uma rica imagem. (p. 44)

A riqueza de detalhes das ações do animal em seu cotidiano, traduz a beleza capturada do comportamento do bicho na singeleza da construção das imagens presentes nos versos.

Em um dos encontros, quando fizemos a leitura da sextilha *Uma galinha pequena*, travamos um diálogo bastante construtivo com os alunos, que resultou na sequência abaixo:

Pesquisadora: o que tá acontecendo aqui?
Aluno 1: ele num tá conseguindo, tem que quebrar a casca do ovo
Pesquisadora: olha que momento tão bonitinho!O pintinho nascendo e a galinha vai ajudar...
Pesquisadora: (leio a outra estrofe da galinha que divide a borboleta quando leio o verso que fala que um pinto é pelado e outro peludo, alguns esboçam risos)
Aluno 4: lá em casa tem galinha
Pesquisadora: tem muitas?
Aluno 4: com pintinho
luno 5: eu já vi uma com os ovinhos bem miudinhos

Aluno 1: professora, não tem umas que tem pintinho rosa, né?
Aluno 2: é que pinta!
Pesquisadora: as pessoas pintam...com uma tinta especial pra num matar!
Aluno 1: (com ar de riso) eu pensei que eles já nascessem cor-de-rosa (risos)
Aluno 2: professora, o pinto dela é campinense, é um preto e um vermelho!

Chamamos aqui a atenção para a importância de o professor abrir espaço para que os alunos falem sobre suas impressões de leitura e, como no trecho transcrito, remetam para suas experiências cotidianas e até criem situações baseadas no que leram.

Outro bicho que fez bastante sucesso entre as crianças foi o papagaio. Durante os encontros da primeira parte da experiência, a sextilha apresentada a seguir era sempre alvo dos pedidos de bis da turma. Como na sextilha, o bicho é apresentado do ponto de vista do humor, da simpatia com o visitante da casa, há uma grande identificação dos alunos. Esse apelo pode ter ocorrido também pelo fato de o animal fazer parte das experiências de vários dos alunos da turma. Quase todos conheciam algum familiar ou vizinho que possuía uma ave dessas:

O papagaio acha graça
Fala, canta e assobia
Quando alguém diz: -- Ô de casa
Ele sai e dá bom dia
Recebe o povo do jeito
Dos donos da moradia.
Arnaldo Cipriano

A maioria dos alunos escuta atentamente, enquanto alguns esboçam sorrisos.

Aluno: também dá pra ler cantando, né?
Aluno: (cantando baixinho) papagaio acha graça

Convidamos a turma para uma última leitura, quando surge um convite para começarmos a cantar:

Pesquisadora: a gente lê só mais essa vez e agora tooooodo mundo junto, bem bonito, certo?
Aluno 1: todo mundo canta
Pesquisadora: a gente canta, sim
Aluno 1: é mais legal cantando
Aluna 2: papagaio (meio cantarolando)
Pesquisadora: é mais legal assim, né?

Aluna 3: que papagaio sem vergonha

Diante dos pedidos, convidamos a turma para cantar a estrofe. Em seguida, perguntamos quem gostaria de escolher outra estrofe para ler ou cantar. Vários alunos que já haviam lido levantaram as mãos, então convidamos os alunos que ainda não haviam participado.

Uma aluna, pede pra ler a página sete. Enquanto estávamos procurando a página, escutamos o comentário de uma das alunas mais quietas:

Aluno 1: eu gostei mais da sericora
Aluno 2: canta, vamos fazer cantando agora?
Aluna 1: [tenta cantar baixinho]
Pesquisadora: agora a gente lê todo mundo junto cantando, bora? Quem lembra o ritmo da musiquinha? Da sericora?

Cantamos a estrofe do papagaio mais uma vez, com a ajuda dos alunos mais animados. Quando, no final do último verso, cantamos "recebe o povo do jeito/ dos donos da moradiaiaiaiaia", continuando no ritmo da música, os alunos acham graça e acompanham, cantando.

Aluno 1: o papagaio da minha tia ele fala, ele fica perto da caixa de doce dela, quando chega perto ele fica "tá roubando, tá roubando"
Aluno 3: minha tia tem um papagaio também
Pesquisadora: como é o papagaio dela?
Aluno 3: ele fica na entrada, se a pessoa não falar com ele, ele belisca a pessoa

O sabiá também é um dos bichos preferidos das crianças. O aspecto da comoção e da sensibilidade com o qual o poeta apresentou a ave, contribui para o encantamento do leitor. O sabiá surge, na primeira estrofe, assim como a sericora, como anunciador da fartura e da bem-aventurança que vêm com a chegada da chuva:

O sabiá do sertão
Faz coisa que me comove:
Passa três meses cantando
E sem cantar passa nove
Como que se preparando
Pra só cantar quando chove.
Biu Gomes

Já na segunda sextilha, a ave recebe, como um rei da floresta, a reverência de todos os elementos da natureza:

Enquanto a brisa da tarde
Passava, terna e fagueira,
Ele cantava, cantava...
Até mesmo a cachoeira
Parava, para escutar
O sabiá da palmeira!...

Antônio Lucena

A sextilha abaixo, por sua vez, atinge os leitores-ouvintes pelo lado do humor. Numa situação inusitada, peru e gatinho brincam sem se importarem com suas naturezas diversas ou com o fato de que o gato, numa situação real, poderia ferir o peru com as unhas e, por isso, ser machucado também. A aceitação dessa sextilha foi tanta que os alunos pediam para que repetíssemos a leitura oral, ou eles mesmos pediam para ler. Além de termos cantado juntos a estrofe mais de uma vez em sala. Assim como o peru ri da brincadeira, na sextilha, as crianças sempre recebiam sua leitura com um sorriso.

O peru fazia roda
No terreiro da morada
E o gatinho seu amigo
Era muito camarada
Montava-se no peru
E o peru dava risada.

José Francisco Borges

Como veremos a seguir, a sextilha que apresenta o galo marcando uma quadrilha foi bem recebida pela situação inusitada que apresenta. Houve risos num momento de conversa sobre a leitura em que perguntamos se as crianças já haviam pensado como seria dançar numa quadrilha em que o marcador fosse um galo. Outro elemento interessante dessa sextilha é a figura do gato fiscalizando as panelas. Esse fato foi logo contraposto por uma aluna que afirmou ser o interesse do gato comer das panelas e não fiscalizá-las:

Mestre galo era o marcante
da quadrilha no salão
timbú era despachante
na boca do garrafão
o gato fiscalizava
as panelas no fogão.

José Pacheco

Os meninos realizam a leitura, um pouco sem ânimo, meio desencontrado, mas deixamos que terminassem a sextilha. Decidimos então fazer uma leitura bem engraçada da sextilha que fala sobre o "mestre galo", o que provocou risos na turma.

Aluno 1: esse gato tava fiscalizando e comendo!
Aluno 2: eu sei cantar essa aí

Pesquisadora: muito bem, [digo o nome do menino] sabe cantar o do mestre galo. Vamos escutar pra acompanhar ele?
Alunos: [ficam tentando ler baixinho]
Aluno 2: eu vou ler primeiro, depois eu canto.
Aluno 3: todo mundo vai bater palma
Pesquisadora: certo, você canta uma vez e fica todo m mundo observando pra fazer igual

O aluno leu e depois cantou meio timidamente a sextilha, num ritmo parecido com o que tínhamos cantado antes para eles. Em seguida , puxamos a cantoria com a ajuda da criança para animar as demais. No final, repetimos a última sílaba, como eco "ãoãoão"

Alunos: risos
Pesquisadora: e se a gente bater palmas?

Alguns alunos propõem bater palmas e começam e mostrar como seria. Seguindo a iniciativa, o restante da turma começou a cantar a bater palmas.

Nos versos finais, a aluna 3 nos acompanhou com uma leitura bem empolgada, imitando nosso ritmo e entonação. A leitura foi precedida de risos e comentários dos alunos entre si. Em seguida, questionamos se os alunos já haviam imaginado um galo marcando uma quadrilha:

Pesquisadora: imagina vocês dançando quadrilha e um galo marcando lá...
Alunos: (risos)

Nesse momento, um dos alunos imita o cacarejo do galo acompanhado por risos dos colegas.

As estrofes que seguem são setilhas do folheto O namoro do minhoco e a minhoca, de José Costa Leite. Os fragmentos selecionados, recolhidos do início, do meio e do desfecho da narrativa, dão destaque para os sentimentos do pai em relação ao namoro da filha.

O minhoco namorava
A minhoca ocultamente
Porém o pai da minhoca
Era metido a valente
Por quase nada brigava
E o minhoco não tirava
A namorada da mente.
Porém o pai da minhoca
Quis acabar o namoro

A minhoca quando soube
Fez até cara de choro
Disse o velho no sufoco
-- Se namorar o minhoco
Você vai entrar no couro.
O velho na desvantagem
Chega ficou meio choco
Se ele fosse brigar
Fazia papel de louco
Agora por desaforo
Vou terminar o namoro
Da minhoca e o minhoco.
José Costa Leite

Embora fosse valente, o velho, sem conseguir seu intento de separar o casal, faz "cara de choro" e "no sufoco" ameaça até bater na filha. Contudo, o pai encontrava-se em "desvantagem" e, por isso, esmoreceu concluindo que se brigasse, "fazia papel de louco". Dessa forma, como não encontrasse saída para a situação, o velho pai da minhoca *recebe a ajuda* do autor da sextilha que "por desaforo" termina o namoro "da minhoca e o minhoco". A forma inesperada com que o poeta concluiu a narrativa obteve uma recepção bem humorada da turma. Tanto que as três estrofes do "namoro" foram repetidas outras vezes pelos alunos durante os encontros.

Alunos: (risos)
Pesquisadora: (digo que a estrofe é parte de uma história maior)
Aluno: o namoro do minhoco (risos)
Pesquisadora: já tinham pensado na vida alguma vez uma minhoca namorar com um minhoco?
Alunos: (risos)
Pesquisadora: e ainda mais o pai dela vir querer resolver a história com ciume da filha?
Alunos: (risos)
Pesquisadora: igual o pai da gente tem ciume da gente, o pai da minhoca também tem... tá vendo?
Alunos: (risos)

Podemos dizer que o riso pode ter sido provocado, nessa situação, pelos comentários que foram feitos a respeito do relacionamento pai/filha, reconhecido pelos alunos. Talvez, apenas perguntar aos alunos se gostaram ou não da leitura, não estimule muito a participação.

Alguns procedimentos para a leitura de poesia

Como vimos no decorrer da apresentação da experiência, vários procedimentos foram seguidos afim de possibilitar um encontro produtivo dos leitores com as sextilhas. O passo inicial e fundamental, no trabalho de leitura do texto poético, é a leitura oral. É a partir de uma boa realização oral, atentando para as entonações, as pausas e o ritmo, que o envolvimento com a leitura acontece. Stanislavski (1988), referindo-se ao trabalho do ator, traz reflexões que podem ser úteis ao professor no trabalho com o texto literário em sala de aula. Para o teórico da interpretação teatral, o volume da palavra externada oralmente não tem tanta importância quanto a qualidade de sua acentuação. Stanislavski ainda menciona a entonação, que tem por característica conferir à palavra "várias nuances de sentimento: carinho, maldade, ironia, um toque de desdém, respeito, e assim por diante" (p. 04).

Ambas, acentuação e entonação, possuem a capacidade de fazer com que o ouvinte não apenas escute o dito, mas possa também envolver-se e sentir prazer. No caso de nossa experiência, realizada com crianças, o envolvimento torna-se mais significativo, pois colabora para a formação do leitor-ouvinte.

Silva (1988, p. 79), também ressalta a importância da leitura em voz alta pelo professor. Segundo o autor, a leitura oral é um incentivo ao gosto pela leitura, pois "ninguém resiste a uma historia bem contada". O autor defende ainda que, quando as crianças ouvem textos lidos em voz alta, elas "vão criando consciência dos aspectos da expressão escrita e, ao mesmo tempo, menor relutância para se auto-exprimirem" (p. 79). Silva também sugere que os professores podem solicitar a dramatização das historias, "depois de várias sessões de leitura em voz alta" (p. 80).

O passo seguinte é incentivar os alunos a também praticarem a leitura oral dos poemas. Dessa forma, esse momento já pode constituir-se numa brincadeira. A etapa de leitura pode ainda ser desenvolvida de outra forma: antes da leitura integral de um poema ou de um cordel, pode-se selecionar algumas estrofes – por exemplo, as mais engraçadas – e ler em voz alta para os alunos. Esse método pode servir de motivação para essa leitura integral. Um outro procedimento introdutório que pode ser utilizado é incentivar os alunos a recitar poemas ou versos conhecidos por eles.

Após essa primeira etapa, passa-se ao momento de conversa sobre o poema lido. Pode-se questionar os alunos a respeito de quais bichos chamaram mais a atenção e por quê. Pode-se também discutir a temática e os conflitos vividos pelas personagens na narrativa.

Outras atividades, além da ilustração livre dos poemas, podem ser realizadas: a criação de um mural, onde os alunos podem colocar tanto suas ilustrações quanto as estrofes ou os versos de que mais gostaram durante a leitura. Pode-se realizar também jogos dramáticos – espécie de encenação em que todos os alunos participam reelaborando as situações representadas no texto lido

através de regras pré-estabelecidas por todos – ou mesmo fazer uma adaptação de um cordel, por exemplo, para ser encenada com fantoches confeccionados pelos próprios alunos[6]. Algumas dessas atividades foramconcretizadas nas outras duas partes da experiência.

Considerações finais

Podemos perceber que há dois elementos marcantes em relação à apresentação dos bichos nas estrofes analisadas. O primeiro é o olhar sensível e quase apaixonado dos poetas em relação aos bichos e à natureza. Cada detalhe do cotidiano natural é observado, respeitado e valorizado como se dele pudéssemos retirar um aprendizado para nossas vidas. Daí a linguagem, muitas vezes poética, utilizada para demonstrar a admiração pelo jeito de ser dos animais descritos. O outro elemento é o tom bem humorado e até inusitado com que algumas das estrofes apresentam os animais. Essa característica, relacionada à escolha vocabular, ao ritmo e às imagens, constituiu um bom atrativo para a preferência da turma.

Interpretamos o fato de algumas crianças terem lembrado dos versos da referida estrofe, mesmo tendo se passado mais de um mês sem haver encontros, como representativa de uma experiência que se constituiu de modo significativo para os meninos. A memorização dos versos revela o envolvimento e a apreciação por parte da turma.

Durante os encontros, a metodologia primou pela valorização do leitor, pela criação de situações que permitam o diálogo entre os sujeitos, a livre expressão dos alunos e o estabelecimento de relações entre as situações vivenciadas durante as atividades de leitura e a experiência de vida das crianças.

Avaliamos positivamente essa primeira parte da experiência, visto termos conseguido realizar até mais do que nos propusemos, no planejamento. Houve participação interessada das crianças nas atividades de leitura e de ilustração dos cordéis. Apesar de a experiência ter ocorrido em encontros por vezes espaçados em uma ou duas semanas, acreditamos ter conseguido manter o ritmo das atividades e a motivação da turma.

6 Experienciamos a atividade de confeccionar fantoches e montar uma encenação adaptada do cordel *Casamento e divórcio da Lagartixa*, de Leandro Gomes de Barros, para ser apresentada na VI Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande em 2003, e no I Encontro Nacional sobre Literatura Infanto-juvenil e Ensino (ENLIJE) em 2006.

Referências

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Série Pesquisa em Educação. Trad. Lucie Didio. v. 3. Brasília: Liber Livro, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: DF, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (1ª a 4ª séries)** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: DF, 1997.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros.** São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

JAUSS, Hans Robert. Et. al. **A leitura e o leitor:** textos de estética da recepção. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** Trad. Brigitte Hervat. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LEITE, José Costa. **A onça e o bode.** Prefeitura Municipal de Campina Grande, 2003.

_____. **O namoro do minhoco e a minhoca.** Recife, PE: Editora Coqueiro, s/d.

PINHEIRO, Hélder & LÚCIO, Ana C. Marinho. **O cordel na sala de aula.** São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINHEIRO, Hélder et al. (orgs.) **Literatura e formação de leitores.** Campina Grande: Bagagem, 2008a.

PINHEIRO, Hélder. **Tesouros da poesia popular para crianças e jovens.** Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. 2008b. Disponível em: http://www2.uel.br/revistas/boitata/?content=volume_5_2008.htm. Acessado em 15/03/2008.

_____. (org.) **Pássaros e bichos na voz de poetas populares.** Campina Grande: Bagagem, 2004.

_____. **Poesia na sala de aula. 3.** ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1988. Coleção Texto e Linguagem.

STANISLAVSKI, Constantin. **Manual do ator.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.